

O Jornalismo Literário em García Márquez e Vargas Llosa: do narcotráfico à guerra santa – uma reflexão sobre livros-reportagens

André Silva*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Índice

Introdução	1
1 Jornalismo e Literatura na Contemporaneidade	2
2 Jornalistas-Escritores: García Márquez e Vargas Llosa	4
3 Livros-Reportagens: do Narcotráfico à Guerra Santa	8
4 Considerações Finais	12
Referências Bibliográficas	13

Resumo

O presente artigo analisa aspectos da construção narrativa do Jornalismo Literário a partir das obras: *Notícia de um seqüestro*, de Gabriel García Márquez, e *Israel Palestina: paz ou guerra santa*, de Mario Vargas Llosa. Tais autores, entre o Jornalismo e a Literatura, contribuíram para o desenvolvimento do subgênero livro-reportagem. A partir de aspectos característicos do Jornalismo Literário, observa-se nas obras elementos

*Jornalista e pós-graduando em Comunicação pela PUC Minas.

que proporcionam uma quebra da atualidade em contemporaneidade, suscitando a humanização do fato, a impregnação de subjetividade e uma maior abertura de sentido para a descoberta de possíveis realidades em um mesmo acontecimento.

Palavras-chave: Jornalismo Literário, Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, livro-reportagem.

Introdução

A relação entre Jornalismo e Literatura suscita debates acadêmicos. Para alguns autores, ocorre um processo de justaposição entre os gêneros, sendo o Jornalismo reputado como parte integrante da Literatura. Esta é a posição defendida por Amoroso Lima (1968). Para o crítico, se pensar a Literatura enquanto fala, escrita e manifestação do pensamento; ou como fim, dando valor secundário à palavra, o Jornalismo torna-se subgênero da Literatura.

Doutro modo, visões como a de Pena (2008), são indicativos de um processo de interseção entre Jornalismo e Literatura. Esta relação Jornalismo-Literatura é reciprocamente benéfica desde o século XIX. Inicial-

mente, o Jornalismo populariza a Literatura com os folhetins e as críticas literárias publicadas nos periódicos.

Posteriormente, no século XX, a Literatura amplia a noção de Jornalismo, propondo novas maneiras de construção da notícia, tanto na estética quanto no conteúdo.

Por último, há aqueles autores resistentes à junção ou aproximação dos gêneros. Necchi (2007) vê o termo Jornalismo Literário como algo inviável. Primeiro porque o uso do literário no jornalístico, segundo Necchi, atribui ao Jornalismo uma necessidade da Literatura para tornar-se “elevado”; segundo, pois o termo literário pressupõe ficção, invenção, propostas inviáveis para o conceito de Jornalismo.

Opta-se, neste artigo, pelo estudo da presença da Literatura no Jornalismo, culminando com os livros-reportagens. Nesta perspectiva, busca-se a maneira como o fato é pensando enquanto pauta, sua captação e seu texto. Esta proposta amplia o debate sobre a interdisciplinaridade entre Jornalismo e Literatura, especificamente, para a hibridização destes dois gêneros, o Jornalismo Literário. Parte-se de dois livros-reportagens flutuantes entre o Jornalismo e a Literatura: Jornalismo, pois parte-se do fato (sequestros na Colômbia e proposta de paz no Oriente Médio) e Literatura, porque são semeados elementos literários (descrição dos personagens, das histórias; os detalhes; e a ampliação dos acontecimentos).

1 Jornalismo e Literatura na Contemporaneidade

Parte do Jornalismo contemporâneo busca a perpetuação pelo texto. Neste sentido,

o jornalista-literato, usando de procedimentos tanto do Jornalismo quanto da Literatura, constrói um produto para a posteridade, algo para a explicação da contemporaneidade e não da atualidade instantânea. E desta maneira, o livro tem se mostrado “a mais adequada opção” (BULHÕES, 2007: 192).

Segundo Bulhões (2007), esse movimento dos jornais para os livros, iniciado na década de 70, tem criado um *jornalismo de livros*. A dúvida de alguns autores sobre se isso ainda é Jornalismo, parece, pelo menos para este trabalho, afastada, pois, o que está em jogo é a escolha do tema, como se dá a captação, e os elementos usados para construção do texto, e não critérios do Jornalismo cotidiano como periodicidade, factualidade, atualidade etc.

Alguns pontos prós e contras são suscitados da relação jornal x livro. Enquanto no livro a atualidade se dilata em contemporaneidade¹, dando uma dimensão elástica para o tema abordado; os jornais, ao contrário, antes mesmo do dia seguinte estão enrolando peixe na feira, dando a dimensão da sua factualidade. Doutro modo, o imediatismo dos jornais proporciona o debate urgente. No livro, a repercussão suscitada leva um período mais longo para se disseminar.

Segundo Lima (2004), os livros-reportagens são publicações não periódicas mais verticais e horizontais em relação às reportagens do Jornalismo diário. Horizontais no sentido da ampliação das abordagens e verticais em função da profundidade como são tratadas:

¹ Essa dilatação no espaço e no tempo se dá em função de um mergulho no passado para a compreensão das origens do fato.

O aprofundamento extensivo, ou horizontal, quando o leitor é brindado com dados com dados, números, informações, detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema. O aprofundamento é intensivo, ou vertical, quando o leitor é alimentado de informações que lhe possibilitam aumentar qualitativamente causas e conseqüências, de efeitos e desdobramentos, de repercussões e implicações (LIMA, 2004: 40).

Os livros-reportagens são diferenciados dos livros comuns em três aspectos: o conteúdo embasado no fato, na realidade; o tratamento jornalístico do acontecimento²; e a funções³. *Cidade partida*, de Zuenir Ventura; *O abusado*, de Caco Barcellos; são exemplos de livros-reportagens.

Desta forma, tanto *Notícia de um seqüestro* quanto *Israel Palestina: paz ou guerra santa* são publicações características dos livros-reportagens, pois os três elementos diferenciadores estão presentes em ambas: o acontecimento – os sequestros simultâneos de jornalistas e a proposta de retirada das colônias israelenses da Faixa de Gaza e dos territórios ocupados da Cisjordânia; abordagens jornalísticas – apuração, texto claro e preciso, uso de fotojornalismo etc.; e visões

² Isto é: uso de outros símbolos (fotografia, infográficos, ilustrações etc.) e em relação ao texto (preciso, claro, exato, a narrativa em terceira pessoa, combinações entre a fala cotidiana e a formal).

³ Ademais da informação, da orientação e da explicação como as reportagens do Jornalismo diário, os livros-reportagens têm como funções os tratamentos horizontais e verticais, as visões multiangulares etc.

multiangulares (uso de várias fontes, de documentos etc.) e ampliação do fato horizontalmente e verticalmente.

Enquanto o Jornalismo diário, em função da periodicidade, está limitado à informação do fato, os livros-reportagens são mais detidos às interpretações e opiniões dos fatos. De acordo com Lima (2004), o jornalista busca nos livros-reportagens o espaço para aprofundamento no fato, ausente das páginas dos jornais em função do próprio espaço do veículo. Outro atrativo é a liberdade para abordagens de temas⁴. No Jornalismo diário, muitas vezes, a ideologia do veículo impede a liberdade temática. No caso brasileiro, esses dois motivos são somados a um terceiro, fruto da história recente. Com a ascensão da ditadura, a publicação do AI-5 e a censura, os livros-reportagens tornaram-se produtos de denúncia. *Reflexos do baile*, de Antônio Callado, e *O que é isso companheiro*, de Fernando Gabeira, são exemplos desse período.

Os livros-reportagens, como mostra Lima (2004), são subdivididos em várias perspectivas: aqueles originados de uma série de reportagens ou aqueles pensados como livros desde o início; aqueles preocupados na explicação de um acontecimento recente, ou aqueles atentos para outros períodos da história; há ainda os baseados somente em fatos, em relatos, aqueles chamados de ação, calcados na investigação, e aqueles apoiados em documentos. Essas divisões todas, comumente, são trabalhadas em conjunto nos livros-reportagens.

Em *Notícia de um seqüestro e Israel*

⁴ A isso, Lima (2004) chama de universalidade. De acordo ele, essa característica se dá tanto na quantidade de tema abordados pelos livros-reportagens quanto na dimensão dada a cada tema.

Palestina: paz ou guerra santa, por exemplo, aquele foi pensado essencialmente como livro, enquanto este é oriundo de uma série de grandes reportagens publicadas no jornal espanhol *El País*, em 2005. Doutra forma, ambos os livros-reportagens estão preocupados com a compreensão de fatos recentes (os sequestros de jornalistas e a proposta de paz entre israelenses e palestinos) sem, no entanto, esquecer do processo histórico por trás dos acontecimentos (as origens do grupo de narcotraficantes colombianos conhecidos como *Extraditáveis*, e o histórico conflito entre israelenses e palestinos). Tanto em um como noutro, a pluralidade de depoimentos e a investigação são artifícios utilizados pelos jornalistas-escritores.

Outra divisão proposta por Lima (2004) é a classificação dos livros-reportagens pelo objetivo contido na informação e a “natureza do tema” tratado pela obra. Neste aspecto, *Notícia de um seqüestro* e *Israel Palestina: paz ou guerra santa* são enquadrados em mais uma classificação, pois os objetivos dos livros-reportagens perpassa um único propósito: No livro de García Márquez vê-se o livro-reportagem-depoimento, pela reconstituição dos sequestros com base na visão dos envolvidos, sobretudo de Maruja Pachón (uma dos sequestrados) e o marido dela, Alberto Villamizar, um dos negociadores; como livro-reportagem-instantâneo, por tratar-se de um acontecimento recente, ocorrido no início da década de 90, e com discussões e projeções sobre o futuro do narcotráfico colombiano. Em Vargas Llosa, por outro lado, encontra-se o livro-reportagem-antologia, por tratar-se de uma reunião de reportagens publicadas no *El País*; e o livro-reportagem-viagem, em função do deslocamento do pe-

ruano até o Oriente Médio e da contextualização histórica, humana e sociológica da região e do cotidiano dos habitantes.

2 Jornalistas-Escritores: García Márquez e Vargas Llosa

2.1 García Márquez: essencialmente jornalista

A relação de Gabriel García Márquez com Jornalismo e a Literatura iniciou-se em 1947, então com 19 anos, quando cursava o segundo ano de Direito, na *Universidad Nacional de Bogotá*⁵. Embora sejam textos de cunho decididamente ficcional, pois se trata de contos⁶, estas prematuras letras do colombiano de Aracataca, marcam as primeiras publicações periódicas de García Márquez.

Um ano após os primeiros textos em *El Espectador*, Gabo mudou-se para Cartagena de Índias, após a onda de violência que assolou a capital colombiana com o assassinato do “líder político populista Jorge Eliécer Gaitán” (RODRIGUES, 2005: 1). A ida para Cartagena culminou com a transferência do curso para a universidade local, além de um emprego como aprendiz no jornal *El Universal*.

Esta passagem da vida de Gabo evidencia as primeiras lições de escrita que a prática jornalística proporcionou ao ganhador do

⁵ De 1952 a 1974, Gabo publicou cerca de dez contos na seção intitulada Fim de Semana do diário *El Espectador*. Cf. RODRIGUES, Joana. *Literatura e Jornalismo em Gabriel García Márquez: uma leitura de crônicas*. Dissertação (Letras) – FFLCH/USP: São Paulo, 2005.

⁶ Segundo Moisés (2000), o conto é inerente à prosa literária e caracteriza-se por contar uma história fictícia permeada de conflito.

Prêmio Nobel de Literatura de 1982. A imprensa como meio de lapidar as letras foi e continua sendo o caminho percorrido por muitos escritores, vide Vargas Llosa, Julio Cortázar, Octavio Paz, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Carlos Drummond, entre outros. Em relação ao início de carreira de Gabo, Santamaría (1999) comenta: “[...] (As) 37 colunas *Punto y Aparte* que publicaria em sua primeira etapa em *El Universal* de Cartagena demonstraram que García Márquez sempre alcançou a medida perfeita entre a ficção e o fazer jornalístico”, (SANTAMARÍA, 1999: 44-45 – tradução livre)⁷.

Durante os um ano e oito meses em que esteve em *El Universal*, García Márquez exerceu outras atividades jornalísticas além da coluna *Punto y Aparte*. A participação no editorial do periódico e a função de redator e titular das matérias internacionais, que chegavam à redação do jornal, estavam entre as funções exercidas pelo autor de *Ninguém Escreve ao Coronel* (1961).

Ademais, como descreveu Santamaría (1999), se aprofundou em leituras básicas de autores como “Faulkner, Hemingway, Satyrion, Capote, Virginia Woolf, e incluindo autores, então, quase desconhecidos, como Borges e Cortázar. Ao mesmo tempo incorporava aprendizado diário outros elementos básicos, como o cinema, as tiras cômicas [...]” (SANTAMARÍA, 1999: 47 – tradução livre).

A expressiva passagem de García Márquez pelo *El Universal* rendeu-lhe o convite para ir trabalhar em Barranquilla, no jornal *El Heraldo*, em 1950. Pela

⁷ In.: CRISTÓBAL, Juan (Org.). *García Márquez y los medios de comunicación*. Lima: San Marcos, 1999.

frente, mais uma coluna, *La Jirafa*⁸ : “A manutenção de uma coluna de opinião em um periódico que, naquele momento era o segundo maior jornal do país, alcançando tiragem de 65 mil exemplares diários, representou uma atividade de fundamental importância na trajetória jornalística de García Márquez” (RODRIGUES, 2005: 8).

Outro fator fundamental para o desenvolvimento da escrita, da formação político-literária e do senso crítico de García Márquez se deveu aos chamados Grupo de Cartagena e Grupo de Barranquilla, isto é, eram grupos formados por jornalistas, escritores, artistas com os quais Gabo convivia e compartilhava a vida pelos cafés, cinemas e galerias de arte das cidades colombianas.

Assim como o Grupo de Cartagena havia fundado a revista *Mundial* quando García Márquez havia por lá passado⁹, os integrantes do Grupo de Barranquilla fundaram a revista *Crónica*, na qual Gabo foi redator-chefe, entre outras tarefas. De cunho jornalístico-literário, a revista deu a García Márquez a oportunidade de exercer a reportagem, o grande sonho desde quando decidira pelo Jornalismo em detrimento do Direito.

Há quem acredite, como é o caso de Santamaría (1999), que desde o início da carreira jornalística, ainda em *El Universal*, García Márquez trabalhou em função do aperfeiçoamento da escrita literária: “[...] desde a primeira notícia, García Márquez trabalhou

⁸ “Como o silencioso mamífero, de sua coluna olharia e comentaria tudo ou quase tudo, com pouquíssimo ruído, e, a exemplo da girafa, a coluna seria a mais vistosa, graças ao seu estilo e à sua imaginação” (SALDÍVAR, 2000: 211).

⁹ Este grupo também fundou o suplemento literário do jornal *La Nación*.

em função da criação literária” (SANTAMARÍA, 1999: 44).

Esse movimento entre Jornalismo e Literatura começa a ser evidenciado com a escrita do primeiro romance, *La Hojarasca*, em 1950, que foi publicado em 1955. Segundo Rodrigues (2005), o primeiro capítulo, inclusive, chegou a ser publicado em *El Heraldo*, em 1952, sob o título *El invierno*. Daí por diante, a trajetória de García Márquez caminharia ininterruptamente entre Jornalismo e Literatura.

Para Santamaría (1999), García Márquez foi um dos poucos que conseguiu utilizar de maneira precisa os elementos da ficção aliados à precisão jornalística: “Esta dualidade foi tão exata e tão proveitosa, que hoje em dia, com um Prêmio Nobel conquistado, cabe perguntar: No caso de Gabriel García Márquez, é o escritor que deve mais ao jornalista, ou é o jornalista ao escritor?” (SANTAMARÍA, 1999: 42 – tradução livre).

Ao longo da bem-sucedida carreira jornalística, García Márquez ainda trabalhou na Europa, em outros periódicos colombianos e da América Latina. Paralelamente, o colombiano escreveu diversas obras literárias. Neste processo, as reportagens foram um importante processo de aprendizagem desde o início no Jornalismo. E é justamente nesta práxis que o desenvolvimento de uma escrita híbrida, fruto da junção do Jornalismo e da Literatura, se dará nos textos de García Márquez, com uma linguagem que “[...] misturava de forma magistral os dados de toda ordem com palavras de cunho mais poético, imprimindo a tais matérias jornalísticas um estilo diferenciado de contar uma história baseadas em fatos reais” (RODRIGUES, 2005: 29). Vê-se aí características comuns dos livros-reportagens, que se-

riam exercitadas a fundo por Gabo em *Relato de um naufrago* (1970)¹⁰, *Crônica de uma morte anunciada* (1981) e *Notícia de um sequestro* (1996) – objeto deste estudo.

2.2 Vargas Llosa: um literato seduzido pelo Jornalismo

Nascido em Arequipa, no Peru, em 1936, Mario Vargas Llosa como García Márquez desde cedo enveredou pelos caminhos do Jornalismo e da Literatura. Todavia, diferentemente do colombiano, Llosa dedicou-se inteiramente à Literatura, tendo sido o Jornalismo e os outros afazeres apenas atividades secundárias, muitas vezes para a complementação da renda, sobretudo quando adolescente.

Ainda com 16 anos iniciou a carreira jornalística no periódico peruano *La Crónica*: “Os três meses em que trabalhei no *La Crónica*, entre o quarto e o último ano do secundário, provocariam grandes transtornos em meu destino. Com efeito, no *La Crónica* fiquei sabendo o que era, afinal, o jornalismo, conheci uma Lima até aquele momento ignota [...]” (LLOSA, 1994: 142).

Embora tenha ficado pouco tempo trabalhando em *La Crónica*, Llosa teve experiências significativas no periódico. Quando foi contratado, Vargas Llosa tornou-se um dos redatores da página de notícias locais. Algumas semanas depois foi convidado para integrar a equipe de notícias policiais, para subs-

¹⁰ Livro que é a compilação dos 14 textos da reportagem *La verdad sobre mi aventura*, publicados em *El Espectador*, em 1955. O livro conta a respeito do naufrágio do marinheiro Luis Alejandro Velasco, que ficou à deriva no mar caribenho por 10 dias e revela o envolvimento da marinha colombiana no contrabando de eletrodomésticos.

tituir um dos redatores que estava doente. Nesse período, Llosa foi um assíduo frequentador de bordéis, delegacias e outros lugares do submundo de Lima.

Em 1955, então com 19 anos casou-se com cunhada do tio, Júlia Urquidi Illanes¹¹. Nos três anos seguintes, Vargas Llosa divide-se entre o trabalho na *Rádio Central* (atual *Rádio Panamericana*), o envio de artigos para o *El Comercio* e para a revista *Cultura Peruana*, e o término do projeto de tese sobre o poeta nicaraguense Rubén Darío, que pretendia inscrever para ganhar a bolsa Javier Prado para fazer um doutorado na *Universidad Complutense* de Madri, o que de fato ocorreu.

Na Espanha, Llosa doutorou-se em Letras e Filosofia. No ano seguinte mudou-se para Paris, onde esteve em 1957, quando ganhou o concurso de contos da revista *La Revue Française*. O início da vida em Paris não foi das mais fáceis para Llosa, a falta de dinheiro o obrigou a exercer outras atividades paralelas à Literatura, entre elas na agência *France Press* e na *Rádio e Televisão Francesa* como jornalista.

Em 1964, regressou ao Peru parcialmente, quando se separou de Júlia e, no ano seguinte, se casou com Patricia Llosa. Nesse mesmo ano, Vargas Llosa foi para Havana onde foi jurado do prêmio *Casa de las Américas*. Dois anos depois, em 1967, trabalhou para a Unesco na Grécia como tradutor. Durante os anos seguintes até 1974, quando regressou definitivamente ao Peru, Vargas Llosa viveu entre as cidades de Londres, Paris e Barcelona.

Ao longo desse processo histórico, Llosa

¹¹ Desta relação Llosa criou uma de suas principais obras: *Tia Julia e o Escrivinhador* (1985).

escreveu inúmeros livros nos quais o Jornalismo e a Literatura foram evocados. Esta apareceu na criação dos personagens e na narrativa do texto, aquele se mostrou uma vez que os romances, os contos de Vargas Llosa tiveram, assim como o Jornalismo, a realidade como origem. Ademais, o peruano, do mesmo modo que um jornalista, documentou-se e viajou a lugares que serviriam de inspiração para a criação dos personagens.

Um dos maiores exemplos dos livros escritos por Llosa é *A guerra do fim do mundo* (1981), que reconta, de forma fictícia, a Guerra de Canudos, ocorrida no fim do século XIX no sertão baiano. “[...] a todo mundo eu explicava que não estava escrevendo um romance fiel à história, mas que queria realmente conhecer a história para, digamos, mentir com conhecimento de causa” (VARGAS LLOSA apud SETTI, 1986: 41).

Por este e por outros livros escritos em que ficção e realidade se esbarram, e pelas intermitentes contribuições com o Jornalismo, sendo até hoje colaborador assíduo de publicações como o jornal espanhol *El País*, no qual escreve a coluna *Pedra de Toque* quinzenalmente, Llosa insere-se na categoria de jornalista literário. Não pelo trânsito entre os gêneros, mas, e principalmente, pelos trabalhos mais recentes.

Em 2003, a serviço do *El País*, Llosa fez uma viagem ao Iraque por 12 dias, tempo no qual publicou uma série de reportagens sobre a intervenção norte-americana. Posteriormente, esta série foi compilada e publicada em livro, *Diário do Iraque* (2007). O trabalho de Vargas Llosa perpassa pelo cruzamento do Jornalismo e da Literatura. Do mesmo modo, aparece *Israel Palestina: paz*

ou guerra santa (2007), que é a compilação de reportagens publicadas em 2005, sobre a decisão de Ariel Sharon de descolonizar os israelenses da Faixa de Gaza e dos territórios ocupados da Cisjordânia. Vargas Llosa foi à região e conversou com israelenses e palestinos.

3 Livros-Reportagens: do Narcotráfico à Guerra Santa

Para análise de *Notícia de um seqüestro e Israel Palestina: paz ou guerra santa*, toma-se alguns atributos, segundo Lima (2004), necessários para considerar uma obra como sendo característica do Jornalismo Literário e, mais especificamente dos livros-reportagens. Ao todo três pontos são observados na análise das obras: os critérios levados em consideração na pauta, na captação e no texto.

3.1 *Notícia de um Seqüestro: a voz do outro em primeiro plano*

Dividido em 12 capítulos, *Notícia de um seqüestro* narra o dia-a-dia de dez seqüestros ocorridos na Colômbia, no início da década de 1990, pelos *Extraditáveis*¹² com o intuito de pressionar o governo colombiano a reformular a lei que previa a extradição dos narcotraficantes para os EUA, onde seriam julgados.

¹² “A aprovação [da lei que previa a extradição de narcotraficantes para os EUA] mudou radicalmente o panorama das drogas na Colômbia, implicando reação violenta dos autodenominados ‘extraditáveis’, os chefes de grupos que controlavam o tráfico de drogas” (FRAGA, 2007: 79-80).

Entendendo-se a pauta como o processo da práxis jornalística de direcionamento das reportagens, Lima (2004) ressalta a característica de liberdade da pauta em se tratando de livros-reportagens. A liberdade temática, liberdade de angulação, liberdade de fontes e a liberdade de propósito são as principais. Pertencendo *Notícia de um seqüestro* a todas elas, foi escolhida a liberdade temática para a análise. Segundo Lima (2004), a liberdade temática refere-se à possibilidade de tratamento de temas não abordados pela imprensa cotidiana ou tratados superficialmente.

Neste sentido, Gabo aprofunda e relaciona os seqüestros de maneira única, não feita pela a imprensa colombiana na época dos acontecimentos, primeiramente em função da periodicidade e segundo pois o fato ainda desdobrava-se¹³:

Escobar exigiu através de seus advogados que a não-extradição fosse incondicional, que os requisitos da confissão e da delação não fossem obrigatórios, que a cadeia fosse invulnerável e que suas famílias e seus seguidores recebessem garantias de proteção. Para conseguir tudo isso – com o terrorismo em uma mão e a negociação na outra –, iniciou uma escalada de seqüestros de jornalistas para forçar o governo na queda-de-braço. Em dois meses haviam seqüestrado oito. Portanto, o seqüestro de Maruja e Beatriz

¹³ Cf. Diana Turbay: *Está em Manos De Escobar*. El Tiempo. Disponível em: www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-55918. Acesso em 15 mai. 2010.

parecia explicar-se como mais um movimento daquela escala fatídica (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996: 28-29).

Para Lima (2004), os modos de captação dos acontecimentos é outro elemento importante para a quebra da atualidade em contemporaneidade. Desta maneira, a coleta das informações para a composição do texto passa pela captação de informações em “[...] livros, matérias de imprensa, gravações em fitas cassete, sonoras, ou audiovisuais, documentos etc. –, de entrevistas, pesquisas de tipo sociométrico e observações” (LIMA, 2004: 87).

No caso de *Notícia de um seqüestro*, a captação está centrada nos depoimentos dos envolvidos tanto nos seqüestros quanto nas negociações, das famílias dos seqüestrados e dos narcotraficantes e do governo colombiano. Diferentemente da imprensa cotidiana e suas entrevistas pergunta-reposta, Gabo prima pelo diálogo, havendo, inclusive, a possibilidade de classificá-lo como entrevista calcada na história de vida¹⁴.

Como último aspecto de análise está o

¹⁴ “[...] a professora Dulcília Schroeder Buitoni exerga nas *histórias de vida*, as entrevistas livres acompanhadas de *observação participante*, desenvolvidas pelas ciências sociais, e sobretudo pela antropologia, poderoso recurso para a melhoria dos processos de captação dos jornalistas, reconhecendo que alguns profissionais se utilizam, de alguma forma, desse instrumental. Não há uma definição muito rigorosa, mas “[...] uma entrevista de tipo aberto se define como história de vida uma vez que utiliza a vivência do entrevistado de maneira longitudinal, buscando encontrar padrões de relações humanas e percepções individuais, além de interpretações sobre a origem e o funcionamento dos fenômenos sociais” (LIMA, 2004: 93 – grifo do autor).

texto¹⁵. Dentre os pontos característicos do texto dos livros-reportagens, segundo Lima (2004), elencou-se três: a narração, a descrição e o ponto de vista. O texto neste subgênero do Jornalismo Literário propõe a fuga das amarras do Jornalismo diário, não somente informando os leitores, mas “[...] conduzindo-os para um novo patamar de compreensão do mundo que os rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato” (LIMA, 2004: 138).

A descrição prima pela riqueza de detalhes. Trata-se da descrição particularizada de seres, lugares, objetos etc. Esse processo aproxima os leitores dos ambientes, dos personagens, humanizando o fato. No caso de *Notícia de um seqüestro* há a descrição indireta, isto é, aquela reconstituída com o auxílio dos envolvidos. Isto fica claro quando García Márquez apresenta um dos lugares escolhidos como cativo:

A luz dentro do quarto era tão escassa que precisaram de um momento para acostumar a vista. O espaço não tinha mais do que dois metros por três, com uma única janela tapada. Sentados num colchão de solteiro colocado no chão, dois encapuzados como os da casa anterior viam televisão, abortos. Tudo era lúgubre e opressivo. No canto à esquerda da porta, sentada numa cama estreita com cabeceira de ferro, havia uma mulher fantasmagórica com o cabelo branco e opaco, os olhos atônitos, a pele grudada nos ossos. Ela

¹⁵ Sabe-se da existência de outros, como a edição; mas estes não são objetos deste estudo.

não deu sinais de haver notado que elas entraram; não olhou, não respirou. Nada: um cadáver não teria parecido tão morto (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996: 19).

3.2 *Israel Palestina: paz ou guerra santa: a presença do eu repórter*

Fruto de um trabalho jornalístico publicado no jornal espanhol *El País*¹⁶ e em outros periódicos mundo afora, *Israel Palestina: paz ou guerra santa* é a compilação de oito reportagens sobre o processo de paz empreendido pelo então primeiro-ministro israelense, Ariel Sharon, de retirar as colônias israelenses dos territórios ocupados na Faixa de Gaza e na Cisjordânia.

Diferentemente do livro-reportagem escrito por Gabo, o qual é escrito a partir dos depoimentos dos envolvidos nos acontecimentos, *Israel e Palestina* prima pela presença do jornalista em meio ao fato: “Estive quinze dias em Israel/Palestina, entre 30 de Agosto e 15 de Setembro de 2005, para escrever esta reportagem” (VARGAS LLOSA, 2007: 7).

Se em *Notícia de um seqüestro* optou-se pela análise da liberdade temática no quesito pauta, e tendo, do mesmo modo, *Israel Palestina* todas as liberdades de pauta, opta-se pela análise da liberdade de angulação. Segundo Lima (2004), esta liberdade de pauta prima pela presença do jorna-

lista em meio ao fato e este realiza um trabalho fora dos padrões comumente estabelecidos pelos *media* convencionais, escapando às formulas pré-estabelecidas:

Para minha surpresa, a primeira vez que fui a Israel, em 1974 ou 1975, descobri que eu, apesar de tudo, continuava a ser de esquerda. Já há muitos anos que vinha criticando o sectarismo a obstinação ideológica dessa esquerda hemiplégica latino-americana que condenava os ditadores se estes eram de direita mas que os adulava e envolvia em incenso quando se proclamavam comunistas como Fidel Castro que defendia o populismo e se negava a aceitar que o estadismo e o dirigismo não só arruinavam a economia e condenavam uma sociedade à pobreza, como também faziam proliferar a corrupção, instalavam a censura intelectual e da imprensa, e acabavam por eliminar até a última liberdade. [...] Mas, naquele mês que passei em Israel, descobri uma esquerda que carecia das taras dogmáticas, anacrônicas e renhidas com a liberdade, da esquerda na América latina e na Europa. [...] Devido às características particulares da história de Israel, ali, a esquerda, que denunciava os abusos contra os árabes e militava a favor da paz e o abandono dos territórios ocupados, e pela democratização do Estado israelita, tinha conservado aquele idealismo de liberdade e o sentido ético da

¹⁶ Cf. VARGAS LLOSA, Mario. *Israel/Palestina: Paz o guerra santa*. El País. Disponível em: www.elpais.com/articulo/internacional/Israel/Palestina/Paz/guerra/santa/elpporint/20051008elpepuint_4/Tes. Acesso em: 13 fev. 2010.

política que, a mim, desde jovem, tanto me tinham seduzido (VARGAS LLOSA, 2007: 63-64).

Vargas Llosa se coloca no texto, e ademais, expõe sua opção política de direita e critica abertamente as esquerdas latino-americanas e europeias. Em pouquíssimas publicações jornalísticas mundo afora, um jornalista teria tanta liberdade para abordar tão claramente suas opções políticas e criticar a oposição para explicar de que maneira determinada ideologia política age ou deixa de agir.

Como meio de captação para romper com a atualidade, Llosa utiliza a entrevista de compreensão e a história de vida, como García Márquez em *Notícia de um seqüestro*; mas outro modo de coleta utilizado em *Israel e Palestina* é a observação participante. De acordo com Lima (2004) essa modalidade de captação surgiu com o novo jornalismo, na década de 1960, e avança com os livros-reportagens.

Trata-se modo de captar o fato a partir da sensação, da experiência. Tudo se resume à presença do repórter no local onde os fatos são suscitados. Para Lima (2004), o jornalista, assim, tenta viver o ambiente e o clima de seus personagens. Em *Israel Palestina*, Llosa narra a participação em um protesto de palestinos e israelenses pacifistas contra a construção de um muro para acesso à Israel:

Fui ao parque Liberty Bell Garden de Jerusalém às onze da manhã e ali estava a camioneta que levaria os pacifistas israelitas até à aldeia de Bilín para se manifestarem, em conjunto com os palestinianos do local, contra o muro de Sharon,

chamado por este «a vala de proteção» e pelos seus adversários «o muro do *apartheid*». [...] É para protestar contra este estado de coisas que os pacifistas da velha e nova geração entraram no autocarro que deve levá-los até Bilín. Eu sigo-os [...] Foi traçado um itinerário que evita a linha recta, com a ingênua ilusão de escapar às barreiras militares. É inútil, porque antes de chegarmos ao colonato de Upper Modiin, somos interceptados por uma patrulha que nos obriga a tomar um novo caminho. [...] Bilín parece uma miragem que se desvanece cada vez que nos aproximamos. [...] Chegámos a uma colina vizinha àquela em cuja ladeira se espalham as casitas de Bilín e até ali se ouve o eco dos disparos. Uns policiais à civil, irritados, avisam-nos que foi declarado estado de sítio em Bilín e que de forma alguma nos podemos aproximar da aldeia. Mas as pessoas saíram do autocarro e começaram a avançar através dos campos para chegar a pé a Bilín, descendo e subindo os montes. É um espetáculo bastante comovedor ver as velhas e velhos pacifistas, ajudados por bastões e lenços amarrados à cabeça, avançando com dificuldade, mas com convicção, por entre os montes (VARGAS LLOSA, 2007: 31; 35-37).

Do mesmo modo que a análise empreendida em *Notícia de um seqüestro*, para concluir o terceiro movimento da práxis jornalís-

tica, o texto, analisam-se as presenças da narração, da descrição e do tipo de ponto de vista utilizado por Vargas Llosa na composição de *Israel Palestina*. Ao contrário, todavia, da abordagem feita para análise no livro de García Márquez, utilizam-se outros subitens do texto.

Neste sentido, Vargas Llosa descreve detalhadamente uma das pessoas com as quais conversou ao longo dos 15 dias de estada no Oriente Médio. Trata-se da israelense Pnina, que perdeu a filha e a mãe no mesmo atentado terrorista.

Pnina, nascida em Jerusalém durante a guerra dos Seis Dias, em 1967, filha de um casal de judeus religiosos lituanos com vocação de pioneiros, sempre gostou do espanhol. Por isso, mal acabou os seus dois anos de serviço militar, foi para Salamanca para aprender a língua e depois fez um viagem pela Argentina, Brasil e Chile, ante de regressa a Israel.[...] Pnina fala um espanhol perfeito, com entoação colombiana, e é, com 38 anos, uma mulher muito bonita; mas nos seus grandes olhos e rosto muito pálido existe algo gélido, um tristeza que parece a sua segunda natureza. [...] era, sem dúvida, uma criança muito bonita: caracóis dourados, olhos verdes, sorrisos maroto, alegria de viver. Aprendia ballet e gostava de se mascarar de Rato Mickey (VARGAS LLOSA, 2004: 23).

Em meio a milhares de vítimas do conflito israelo-palestino, de ambos os lados, Vargas

Llosa, com essa descrição, propõe a humanização dos sujeitos, mostrando aos leitores o sofrimento de pessoas, que muitas vezes, não estão engajadas em nenhuma causa. Em virtude da periodicidade e do próprio formato do Jornalismo diário, esta humanização é inviável. O máximo que se faz quando ocorre algo semelhante é dizer o número de pessoas mortas e feridas no atentado e, quando muito, se havia crianças, idosos e mulheres. A descrição de pessoa feita por Llosa em *Israel Palestina*, de acordo com Lima (2004), denomina-se como prosopografia.

4 Considerações Finais

Por meio da pesquisa bibliográfica sobre a relação contemporânea do Jornalismo para com a Literatura e vice-versa, sobretudo dos chamados livros-reportagens; e da trajetória biográfica de Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa entre o jornalístico e o literário é possível confirmar que ambos escritores, a partir de aspectos característicos do Jornalismo Literário, proporcionam uma quebra da atualidade em contemporaneidade, suscitando em *Notícia de um seqüestro e Israel Palestina: paz ou guerra santa* a humanização do fato, a impregnação de subjetividade e uma maior abertura de sentido para a descoberta de possíveis realidades em um mesmo acontecimento.

Percebe-se assim a existência de subgêneros plurais, nos quais a ficção permeada de elementos da realidade e a realidade está impregnada de características ficcionais. Esta mistura, para Resende (2002), é oriunda da fragmentação suscitada pela pós-modernidade. A hibridização, neste caso, é

um processo presente em todos os discursos contemporâneos.

Outro ponto fundamental da pesquisa refere-se à quebra da agenda de notícia dos meios de comunicação diários proporcionada pelos livros-reportagens. Em tempos de mega fusões midiáticas, em que são formados conglomerados de comunicação e a informação está nas mãos de menos pessoas, os livros-reportagens e seus aspectos autorais estão na contramão desta tendência de “fabricação de consensos” e homogeneização da informação. Como mostra Lima (2004), os livros-reportagens produzidos contemporaneamente têm como característica abordagens de temas não tratados pelos *media* ou por eles tratados de maneiras superficiais.

Desta maneira, o ímpeto libertário, característico dos livros-reportagens, propicia aos leitores “visões multiangulares” do cotidiano; não só pela escolha do tema (da pauta), mas pela captação ou coleta de dados mais abrangente e, principalmente, pela escrita do texto, a ponte entre leitores e escritores, onde os leitores são convidados para um cotidiano mais holístico. Nesta medida, a interpretação, a explicação e a contextualização do acontecimento é o mais importante.

Referências Bibliográficas

- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007. 216 p.
- CRISTÓBAL, Juan (Org.). *García Márquez y los medios de comunicación*. Lima: San Marcos, 1999. 234 p.
- FRAGA, Paulo C. P. *A geopolítica das drogas na América Latina*. Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/187/210. Acesso em: 22 abr. 2010.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Tradução de Eric Nepomuceno. *Notícia de um seqüestro*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1996. Título original: *Noticia de un secuestro*. 336 p.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969. 64 p.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 3ª. ed. rev. e atual. Barueri (SP): Manole, 2004. 371 p.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1986. 9-55 p.
- NECCHI, Vitor. *A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”*. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf. Acesso em: 11 dez. 2009
- PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008. 139 p.
- RESENDE, Fernando. *Textuações: ficção e fato no jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume, 2002. 128 p.
- RODRIGUES, Joana. *Literatura e Jornalismo em Gabriel García Márquez*:

uma leitura de crônicas. 2005. 172f.
Dissertação (Mestrado em Letras) –
Universidade de São Paulo, São Paulo,
2005.

SALDIVAR, Dasso. *Gabriel Garcia Marquez: viagem a semente: uma biografia*.
Rio de Janeiro: Record, 2000. 499 p.

SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
160 p.

VARGAS LLOSA, Mario. Tradução de
Jaqueline Batista. *Israel Palestina: paz
ou guerra santa*. Vila Nova de Fama-
licão: Edições Quasi. 2007. Título
original: Israel/Palestina: paz o guerra
santa. 200 p.

—. *Peixe na água: memórias*. São Paulo:
Companhia das Letras, 1994. 538 p.